

S. John Teague. **Microform, Video and Electronic Media Librarianship**. London: Butterworths, 1985; 150 pp.

O livro anterior do autor, **Microform Librarianship**, teve duas edições bem sucedidas, e neste novo volume ele aumenta seu escopo para incluir mídias mais recentes, tais como bases de dados, *video-tapes*, discos óticos e videotexto. Bibliotecário Emérito da City University, London, o autor dirige o presente trabalho a um público de bibliotecários, com o conhecimento de que esses profissionais necessitam de uma familiarização cada vez maior com os novos formatos usados no armazenamento de informação. O problema básico com o livro, porém, é que sua extrema brevidade o torna inadequado para iniciantes e inteiramente banal para veteranos no campo de mídia e bibliotecas.

Existe um dito que circula entre especialistas em videotexto sobre o fato de que é impossível falar de videotexto sem se usar as mãos. É necessário usar gestos para explicar como alguma parte do sistema funciona ou devia funcionar. O pequeno livro do Sr. Teague tem apenas 10 ilustrações fotográficas e nenhum diagrama ou representação gráfica de um sistema e seus componentes. O leitor novato está obrigado a ficar com apenas uma descrição textual breve sobre como cada nova tecnologia funciona. O nível de tratamento dado à explicação dos novos formatos é tal que muitos pontos importantes são ou totalmente ignorados ou passados por cima, sem a devida atenção. Por exemplo, na p. 131, ao discutir a importância de graus de redução em micropublicações, o autor sugere um perigo em ser ganancioso (isto é, usar reduções cada vez mais altas com a finalidade de caber mais informação em cada microforma, correndo-se o risco de perder resolução quando ampliado de novo para o papel), mas não explica como isto acontece. A mesma brevidade ocorre com as descrições de Computer Input Microfilm (p. 74), Video Display Units (p. 78), *fiscal concession* (p. 88), os tamanhos de fitas magnéticas (p. 106), as aplicações de videotexto (p. 108), e *poluição eletromagnética* (p. 110). Apenas 13 linhas de texto no livro inteiro são dedicadas ao *fac-símile*, apenas 1 página a videotexto e teletexto; e menos de 4 1/2 páginas a ergonomia, com poucos detalhes sobre o que é recomendável. E ainda mais sério: na última página do livro o autor levanta a questão do papel do bibliotecário em tudo isto, e depois passa a ignorá-la. Embora talvez não pareça justo dizer que a natureza complexa do assunto desse livro teria justificado o mesmo tratamento em profundidade que Hayes and Becker deram ao **Handbook of Data Processing for Libraries** (1970; 885 pp.), ficamos com a lamentação de que ainda há muito a ser dito sobre a matéria.

O leitor fora do Reino Unido ficará especialmente frustrado ao verificar que o autor concentrou sua discussão essencialmente sobre instituições e padrões do RU (pp. 70ff; pp. 120f); o leitor de país tropical ou subtropical não encontrará informação sobre a maneira de trabalhar na direção de qualidade de arquivo em

tais ambientes, e o não-bibliotecário se achará ofendido pelos comentários *bate-peito* (pp. 12, 51, 81-82, 91 e 103) que sugerem que bibliotecários são todos sérios, inteligentes, moralmente corretos e respeitadores da lei, enquanto os demais são rapaces, desorganizados e moralmente suspeitos.

O autor está um tanto desatualizado sobre alguns tópicos-chave: a aceitabilidade do filme diazo para armazenamento e uso em bibliotecas (ver a recantação de Allan Veaner no *Journal of Micrographics*, Dec., 1983), o uso de antenas DBS em residências individuais, e a superioridade do microfilme de 35mm sobre o de 16mm para o fornecimento de reproduções de qualidade. Também existem alguns lapsos, como contradições, falta de clareza de expressão e erros de revisão aqui e ali no livro, mas há pouco a ganhar sendo capcioso a esta altura.

Quem poderia obter benefício do livro do Sr. Teague são aqueles que já estão mais ou menos estabelecidos no mundo da mídia alternativa e a quem faltam ainda algumas dicas a mais, embora apresentadas assistematicamente, sobre diretrizes e bases. O conselho do autor, de não deixar uma biblioteca ficar excessivamente dependente da linha de produtos de um único fabricante é excelente, e a comunidade de leitores só pode torcer para que o Sr. Teague, numa futura edição revisada, fortaleça seu livro com maiores detalhes, menores falhas e mais conselhos pessoais sobre a administração de novas mídias em bibliotecas.

REFERÊNCIAS

- HAYES, R. M. & BECKER, J. *Handbook of data processing for libraries*. New York, Becker & Hayes, 1970. 885p.
- TEAGUE, S. J. *Microform librarianship*. 2.ed. London, Butterworths, 1979. 125p.

FREDERIC M. LITTO
Escola de Comunicações - USP
Diretor-Fundador da IMS - Informações
Microformas e Sistemas S.A.